GRAMSCI, António — *Obras Escolhidas,* Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

António Gramsci foi preso em 1926 na sequência da proibição fascista do recém-criado Partido Comunista Italiano. Afastado da luta política prática, passa o seu tempo de cativeiro, que se prolongaria até à morte, a ler e a escrever. De 1929 a 1935 escreve 32 cadernos, os *Cadernos da Prisão,* repositório extremamente rico das suas reflexões.

É fundamentalmente uma selecção dos escritos dos *Cadernos* que nos aparece agora em versão portuguesa.

Dois aspectos negativos dessa edição podem desde já apontar-se. O primeiro é ter ignorado os escritos do período «ordinovista», período que se inicia em 1 de Maio de 1919 com o primeiro número do *Ordine Nuovo,* em que são estudados os problemas dos conselhos de fábrica. O segundo tem que ver com certos problemas de tradução, nem sempre bem resolvidos: resta que são problemas bem difíceis, ligados ao carácter alusivo de muitas notas, às múltiplas referências a acontecimentos de todo não familiares ao leitor português, às distorções voluntárias de escrita a que o autor recorria para iludir a censura fascista.

Mas o saldo da edição portuguesa é largamente positivo. Dá-se finalmente a conhecer uma parte significativa da obra de um dos mais importantes autores marxistas. O pensamento de Gramsci, em luta permanente contra as interpretações mecanicistas e economicistas do materialismo histórico e dialéctico, é um pensamento criador e original.

A fecundidade das suas análises sobre os intelectuais, as ideologias, o partido, o Estado, não deixará de ser comprovada através da leitura destas *Obras Escolhidas;* cremos que essa leitura incitará ao aprofundamento do estudo da obra do «primeiro marxista italiano verdadeiro, completo, consequente».

FEJTÖ, François — *O Conflito China-U. R. S. S. — 1. Da Aliança ao Conflito,* trad. do francês, Lisboa, Publicações Europa-América, 1976, 228 pp.

Um dos temas dominantes na cena política mundial contemporânea tem sido o confronto entre a China Popular e a União Soviética. Após um período inicial em que as relações entre os dois países se situaram, por via da base ideológica comum, no plano de uma aliança que se poderia definir como *metapolítica,* a situação foi-se deteriorando, acabando por culminar no que tem sido chamado de «o grande cisma comunista». François Fejtö, conhecido especialista em questões do mundo comunista, traça neste primeiro volume de *O Conflito China-U. R. S. S.* a história do que foram as relações entre os dois «grandes» do campo socialista desde a fundação da China Popular até à última e falhada tentativa de diálogo, efectuada, na primeira metade dos anos 60, com o objectivo de resolver o diferendo entre os Partidos Comunistas dos dois países.

AMIN, Samir — *Capitalismo Periférico e Comércio Internacional* — trad. do espanhol, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1975.

Esta obra do autor de *Le Développement Inégal* compõe-se de quatro capítulos. No primeiro — «O modelo teórico da acumulação e do desenvolvimento no mundo contemporâneo» — mostra-se que existe uma diferença fundamental entre o modelo de acumulação de capital e de desenvolvimento económico e social dum país que ocupe uma posição «cêntrica» no sistema mundial do capitalismo e o de um país que, em relação a esse mesmo sistema, ocupe uma posição «periférica». E é dentro deste marco teórico geral que se procura esboçar as questões de estrutura social, assim como os diferentes aspectos dos problemas do mundo contemporâneo, quer sociais (em particular os do desemprego, subemprego e marginalidade), quer ideológicos e políticos (em especial os da consciência social, da consciência de classe, da planificação, da mobilização dos homens e dos recursos, da educação e seu papel social, etc.). O mesmo quadro teórico inspira os capítulos seguintes: «Para uma estratégia alternativa de desenvolvimento auto-centrado», «Em elogio do socialismo» e «Subdesenvolvimento e dependência na África negra. As origens históricas e as formas contemporâneas». Toda a obra é atravessada por uma *tensão para o socialismo,* para uma «nova dialéctica do social e do individual numa sociedade livre, de indivíduos livres». E, no entanto, o autor pensa que «tentar caracterizar a natureza desta nova dialéctica, aprisioná-la na camisa de forças das «ciências» actuais do homem, será um exercício sem objecto. O facto de podermos entrever já alguns dos novos problemas não deve enganar-nos. Porque é apenas através do prisma distorcedor da degradação e da enfermidade produzidas no homem alienado pela actual sociedade opressiva que percebemos os problemas de amanhã.»